



Oração para a Paz

Que haja Paz sobre a terra
 Que haja Paz na minha mente
 Que haja Paz no meu coração
 Que haja Paz na minha casa
 Que haja Paz na minha vida
 Que eu possa vivenciar a Paz
 Que os meus ancestrais alcancem a Paz
 Que os meus filhos e descendentes até a 7ª geração
 mantenham a Paz
 Que apaz prevaleça sobre a Terra

Retirado do "Almanaque Mágico – um guia de ensinamentos práticos". Ed. Forças Ocultas, 1997.



AGENDA - 1º Semestre de 2008.

- ❖ 30 Abril - Os fogos de Beltane – Aberto para homens
- ❖ 19 Maio - Plenilúnio: Celebração da Deusa grega Pallas Athena
- ❖ 18 Junho - Plenilúnio e Solstício: Celebração da Deusa romana da felicidade Anna Perenna
- ❖ 18 Julho - Plenilúnio: Celebração da Deusa egípcia Nephtys



Editorial

Somos mulheres que trilham o caminho da Deusa. Mulheres que antes se reuniam na Chácara Remanso, guiadas amorosamente pela amada Mirella Faur, e que agora formam o Círculo de Mulheres da Teia de Thea. Nosso objetivo é honrar a Sacralidade Feminina e resgatar as tradições antigas.

Edição e Diagramação: Nane Silva

Colaborações: Mirella Faur, Mariana Antunes.

Informações: Thaís – 9292-8107 ou Luzia – 3326-1013

Web: www.teiadethea.org ou teiadethea@teiadethea.org



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
 Lua Cheia, Abril de 2008, nº 102



Os Fogos de Beltane



Beltane é um festival de luz que celebra a união das energias masculina e feminina da terra, representadas pelo Deus da Vegetação e pela Rainha da Primavera. Na Bretanha, esta união é ainda reconhecida nas comemorações tradicionais de *Primeiro de Maio* ou *Festa da Primavera*, com a coroação da Rainha da Primavera e as danças ao redor do *Mastro de Maio*.

No topo dos montes e em lugares sagrados, os "Fogos de Beltane" era um ritual importante em todas as terra célticas pois anunciavam a abundância da terra fertilizada pelos raios solares. As fogueiras eram construídas de uma forma sagrada e reverenciadas com oferendas de ervas, artefatos animais ou totens para imbuir o fogo de poderes que seriam então passados para o gado. Também era costume as pessoas pularem as fogueiras do *Beltane* para encherem-se das mesmas energias poderosas. Originalmente, as fogueiras eram acesas ao redor de uma única árvore sagrada ou mastro decorado com vegetação e flores. Além das fogueiras, os celtas encenavam o "Casamento Sagrado" do Senhor da Floresta com a Deusa da Terra, e celebravam com músicas e danças.

Seguindo os rituais antigos, celebramos o "Casamento Sagrado" com o simbolismo do *Mastro de Maio*, enfeitado de vegetação e fitas, que penetra na Mãe Terra e libera bênçãos de prosperidade, saúde, amor e realizações felizes; acendemos a fogueira sagrada reverenciando a força do amor que purifica e abençoa, trazendo a luz e harmonia para nossas vidas.

Venha celebrar conosco!

Ritual de Beltane, 30 de abril, 20h.

Na UNIPAZ. Aberto para homens.

ATHENA E MEDUSA

Por Mirella Faur

Na arte clássica grega existem duas diferentes apresentações de Athena. A imagem mais familiar é a da deusa severa, paramentada com armadura, elmo e escudo, a virgem invicta e guardiã de Atenas, que protege as batalhas e os heróis. Já a mais antiga a mostra como uma deusa majestosa, com manto e os cabelos decorados com serpentes e um fuso na mão esquerda. No entanto, mesmo a figura guerreira guarda as memórias arcaicas da sua verdadeira origem, que aparecem na cabeça da górgone com cabelos de serpentes, existente no seu escudo chamado *Gorgoneion*. Esta é a revelação da descendência de Athena, herdeira da deusa minoana das serpentes, cultuada um milênio antes do mito patriarcal transformá-la na filha nascida da cabeça do seu pai Zeus, surgindo totalmente armada e pronta para a batalha.



Os mitos mais recentes descrevem a górgone como um monstro atemorizador, vencido e morto pelo herói Perseu, que após decapitá-la, entregou à deusa Athena sua cabeça como gratidão pela ajuda recebida.

Analisando detalhes do seu nascimento descobrimos que a mãe de Athena era a deusa Metis, uma das esposas de Zeus, que a engoliu, temendo que o filho que ela carregava no ventre pudesse destroná-lo, assim como ele tinha feito com o seu progenitor Chronos. Sofrendo de atrozes dores de cabeça Zeus pediu ajuda ao deus ferreiro Hefesto, que lhe abriu a cabeça com seu machado e dela emergiu Athena, defensora da ordem patriarcal e não sua opositora. É evidente a metáfora que descreve o predomínio do direito paterno e patriarcal sobre a antiga ordem da sociedade matrilinear e matrifocal. Vemos nisso uma semelhança com o nascimento de Eva da costela de Adão, o primogênito; tanto Eva quanto Athena sendo associadas a serpentes.

Em grego, Athena pode ser compreendida como *A Thea*, a Deusa, que também deu origem ao nome da cidade por Ela patrocinada. Seu segundo nome, Pallas, significa “virgem”, pois em nenhum mito é feita qualquer referência à sua condição de mãe, sendo sempre conselheira, protetora e amiga de heróis e reis.

Uma antiga imagem minoana do período neolítico a retrata como uma deusa alada e com cabeça de pássaro. A transformação de Athena, de uma deusa pássaro e serpente em uma deusa guerreira que negou a sua filiação materna, ocorreu ao longo dos dois milênios de influências indo-européias e orientais na Grécia. O nome da sua mãe – Metis – permaneceu no seu atributo “sabedoria” ou “aconselhamento prático”.

ATENÇÃO! ATENÇÃO! ATENÇÃO!

Com a finalidade de garantir a tranquilidade física, psíquica e espiritual em nossos trabalhos, os portões da UNIPAZ serão fechados após início dos rituais e não será permitida a entrada!

Fique atenta e se organize!

Origem Serpentina de Athena

A origem serpentina de Athena aparece ocultada na lenda da Medusa que foi transformada pelo patriarcado na terrível górgone cujo olhar petrificava os homens.

Na realidade Medusa era neta de Gaia, seu nome significava *Senhora* ou *Rainha*, sendo a deusa serpente das Amazonas da Líbia, uma das três irmãs górgones cujo cabelo encaracolado era semelhante a uma coroa de serpentes. Elas protegiam os mistérios matrifocais antigos e os limites dos lugares sagrados. Em uma inscrição antiga Medusa era chamada “*Mãe dos Deuses, passado, presente, futuro, tudo o que foi, é e será*” (frase posteriormente copiada pelos cristãos para definir Deus). Sua sabedoria era resumida nesta frase: “*nenhum mortal foi capaz de levantar o véu que Me oculta*”, por Ela ser a própria morte, sendo o aspecto destruidor da deusa tríplice. Outro significado da sua face oculta e perigosa era o tabu menstrual, pois os povos antigos temiam o poder mágico do sangue menstrual, que podia criar e destruir a vida. A serpente é um antigo símbolo da sabedoria feminina e também representa o poder da energia Kundalini, a capacidade de transmutação e regeneração.

Originalmente a cabeça da górgone era encontrada na entrada dos templos como um escudo de proteção, a górgone arcaica representando uma trindade lunar formada por sabedoria, força e proteção. A lenda conta que o sangue de Medusa - que tanto servia para curar como para matar - foi colhido dos seus dois lados (esquerdo e direito) colocado em duas ânforas e dado a Asclépio e à sua filha Hygéia, deuses da cura. A imagem das duas serpentes entrelaçadas existente no caduceu (o bastão das divindades de cura) simboliza o conceito de vida e morte, a polaridade masculino/ feminino, esquerda/ direita, a representação da hélice dupla do DNA. Os antigos símbolos da deusa serpente minoana sobreviveram na ordem patriarcal apenas no seu aspecto escuro e ameaçador (principalmente para os homens, que ficavam paralisados pelo poder do olhar da Medusa).

Um mito antigo atribui à Medusa o nascimento de Pégaso, o cavalo alado, como fruto da sua união com Poseidon, ambos metamorfoseados em eqüinos (cavalo e égua). Outro mito mais recente descreve sua criação do sangue jorrando do pescoço de Medusa quando a sua cabeça foi cortada pela espada brilhante de Perseu. A vitória de Perseu é vista como uma ode à vitória da luz sobre os terrores da escuridão e das serpentes, reforçando assim a dicotomia entre luz e sombra, masculino e feminino, Sol e Lua.

Compete às atuais sacerdotisas e seguidoras da Deusa compreender a complexa polaridade deste mito não como um conflito entre o arquétipo patriarcal de Athena e a sua antiga origem lunar e górgonica, mas uma complementação de opostos personificados por Athena - o aspecto solar, guerreiro, criativo, heróico - e Medusa, sua contraparte lunar, passiva, obscura e misteriosa, mas igualmente poderosa.

*Celebração da Deusa Pallas Athena
Ritual de Plenilúnio em 19 de maio, 20h.
na Unipaz*

Leia outros textos de Mirella Faur em
www.teiadethea.org